

FIOS DE SENTIDO SOBRE A LEITURA: DISCURSOS ENREDADOS
EM UM *BLOG*

LUDMILA FERRAREZI*

LUCÍLIA MARIA SOUSA ROMÃO**

RESUMO

À luz da Análise do Discurso de linha francesa e, especialmente, dos conceitos propostos por Michel Pêcheux, analisamos alguns recortes, dispostos no *blog* de uma biblioteca comunitária, que nos trazem sentidos sobre a leitura e nos permitem investigar como eles são constituídos em espaços sociais alternativos e no ciberespaço. Tal escrito insere-se dentro de um projeto maior de pesquisas ligadas ao E-l@dis – Laboratório Discursivo, sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimento, cuja proposta é analisar discursivamente movimentos de dizeres de sujeitos-navegadores e a produção de sentidos na teia digital, marcada por outras condições de produção, quais sejam, configurações outras de tempo e espaço, e uma ordem associativa de dizer. Nosso intuito aqui é refletir sobre a noção pecheuxtiana de sujeito do discurso (afetado pelos esquecimentos e interpelado pela ideologia a partir de uma posição), a rede, a (hiper)leitura e a produção de sentidos, dada pela conjuntura sócio-histórica da contemporaneidade que faz falar discursos que, por sua vez, filiam-se a certas regiões da memória discursiva para significar. Tal movimento atualiza, desloca ou faz retornar dizeres sobre a leitura que já foram postos em circulação por outros sujeitos, ao longo da história, e que, na rede, inscrevem rupturas e repetições.

PALAVRAS-CHAVE: discurso, leitura, internet, *blog*.

PALAVRAS INICIAIS: ALINHAVANDO UM DIZER SOBRE A LEITURA

*Procuro sempre, e minha procura ficará
sendo minha palavra.*

(ANDRADE, 1997, p. 113)

* Doutoranda da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Bolsista de doutorado da Fapesp.
Email: ludmila.ferrarezi@pg.ffclrp.usp.br

** Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos.
Email: luciliamsr@ffclrp.usp.br

Diante dos avanços tecnológicos, que surgem em intervalos de tempo cada vez menores, da comunicação instantânea e dos arquivos digitais, imbricados em um ciberespaço labiríntico que suscita mudanças nas relações com o conhecimento, o sujeito e a materialidade discursiva (DIAS, 2005), interessa-nos estudar as transformações promovidas pelos dizeres inscritos na rede eletrônica, refletindo sobre os efeitos de leitura na voz de sujeitos navegadores. Entendemos que a rede eletrônica é um espaço discursivo interessante para a constituição de sujeitos e sentidos, desde que levemos em conta não apenas as questões técnicas ditadas pelo campo da informática, mas também aquelas ligadas à materialidade do arquivo em sua dimensão político-ideológica.

Inferimos que, nesse contexto, no qual as fronteiras de tempo e espaço seriam anuladas, atravessadas na velocidade de um clique, amplia-se a ilusão de potência do sujeito, de totalidade, que reside no esquecimento de que não se pode ser/ter/dizer/saber tudo, já que tais (im)possibilidades são reguladas (e apagadas) por relações ideológicas de (des)poder. Revestido de tais ilusões, o sujeito insere-se em determinados espaços da web, dentre os quais destacamos os *blogs* e as redes sociais, ocupando diversas posições, tais como a de (ciber)ativista, daquele que utiliza tais espaços para (d)enunciar, por exemplo, o (não) acesso à leitura. Consideramos, assim, o ciberespaço a partir do “ponto de vista histórico, que envolve não apenas o mecanismo da internet (sua base técnica), mas, principalmente, os sujeitos envolvidos e as condições sócio-históricas de produção, articulação, determinação e circulação de discursos” (MITTMANN, 2011, p. 124). Isso tudo nos leva a reconhecer a atualidade das reflexões pecheuxianas, que ganham relevância ao trazer uma maneira mais profícua de conceber o discurso, nos processos de significação na chamada “sociedade da informação”.

Posto isto, iremos apresentar, a seguir, algumas considerações sobre os pressupostos teóricos da análise do discurso, que embasam esse trabalho e que são mobilizados, em sua segunda seção, a fim de emprendermos algumas reflexões sobre a Internet e os modos de produção/circulação de sentidos em suas redes. Por fim, analisamos discursivamente alguns recortes, dispostos no *blog* de uma biblioteca comunitária, que nos trazem sentidos sobre a leitura e nos permitem investigar como eles são constituídos em espaços sociais alternativos e no ciberespaço.

*Não se pode pensar a linguagem sem
pensar a beleza. A língua brincando
com ela mesma.*

(ORLANDI, 2011a, p. 11)

A teoria do discurso, que mobilizaremos em nossas análises, foi articulada, nos anos 1960, pelo grupo de pesquisadores liderado por Michel Pêcheux, a partir de reflexões ancoradas principalmente em três campos do conhecimento: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Nesse lugar de entremeio, que podemos ocupar quando assumimos a posição de analistas do discurso, somos levadas a duvidar da transparência da linguagem, a perscrutar as “mil faces” de uma palavra (ANDRADE, 1984), que são silenciadas pelo mecanismo ideológico de naturalização dos sentidos quando, em determinado contexto sócio-histórico, um deles nos parece evidente, o único possível em sua aparente “face neutra”. Sob essa evidência do sentido único apaga-se o caráter material dos sentidos, a historicidade que os sustenta e que se refere ao modo como a história se inscreve no discurso, indicando-nos que o sentido é dado ideologicamente em relação à exterioridade, às posições que o sujeito ocupa para interpretar e construir seu discurso que, segundo Orlandi (2010), é sempre aberto em suas relações de sentido, estando sujeito a deslocamentos e, ao mesmo tempo, a repetições, no jogo entre a estrutura e o acontecimento (PÊCHEUX, 2002). Posto isto, podemos considerar que o discurso é “um verdadeiro nó, lugar teórico onde se intrincam questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 15), que são atravessados pela contradição, incompletude e ambiguidade, trazendo à luz a provisoriidade que marca todo discurso e que parece se amplificar na fluida materialidade digital.

Afastando-se da noção de transmissão de informação, o discurso pode ser compreendido como efeito de sentidos, que se constituem de acordo com a sua remissão a uma determinada formação discursiva, tida como a matriz dos sentidos que, por sua vez, representa uma formação ideológica, um “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais mas se reportam, mais ou

menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras” (HAROCHE et al., 1971 apud ORLANDI, 2003a, p. 27). Deste modo, Pêcheux (1997), ao reformular o conceito de formação discursiva proposto inicialmente por Michel Foucault, concebe-o de maneira singular, relacionando-o a uma regionalização do interdiscurso, que é o conjunto de todos os dizeres já falados e filiados a uma formação discursiva. Chegamos, assim, ao importante conceito de memória discursiva, que é tida como o “saber discursivo que torna possível todo o dizer” (ORLANDI, 2003b, p. 31), mostrando-nos que um discurso se apoia sempre em outros que o antecederam e que são “esquecidos” (inconscientemente) pelos sujeitos no momento da enunciação.

Ancoradas na teoria pecheuxtiana, sustentamos uma concepção de sujeito que não se refere ao modelo cartesiano, ao indivíduo empírico, ser racional que é o dono e a origem de seus dizeres. Referimo-nos, aqui, ao sujeito do discurso que, assim como ele, não pode ser visto como transparente, e nem como o “senhor da língua” (FERREIRA, 2003). Para Pêcheux (2011b, p. 156), “isto supõe que o sujeito deixe de ser considerado como o eu-consciência mestre do sentido e seja reconhecido como assujeitado ao discurso: da noção da subjetividade ou intersubjetividade passamos assim a de assujeitamento. O efeito sujeito aparece então como o resultado do processo de assujeitamento e, em particular, do assujeitamento discursivo”. Sendo assim, o sujeito encontra-se dividido entre o consciente e o inconsciente que se revela nos seus “tropeços” com a língua, à qual, contraditoriamente, se submete para ser sujeito daquilo que diz.

Em outras palavras, podemos dizer que, através do processo ideológico de assujeitamento, o indivíduo é interpelado em sujeito, sendo levado a ocupar uma determinada posição discursiva, com a qual se identifica, e enunciar a partir dela. Esse processo de interpelação se realiza, segundo Pêcheux (1997, p. 62), pelo complexo de formações ideológicas que “fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’ enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas”. Isso só é possível porque o sujeito se “esquece” de que não é o dono dos seus dizeres e de que os mesmos podem ser enunciados de outras maneiras; tais esquecimentos foram cunhados por Pêcheux (1997), que os nomeou, respectivamente, como esquecimento de número um (da ordem do inconsciente) e dois (da ordem da enunciação), ambos con-

siderados estruturantes do discurso. Posto isto, passemos agora para algumas considerações sobre o funcionamento discursivo no meio eletrônico.

ENTRE OS NÓS DA REDE: A TECELAGEM DE SENTIDOS

*Com quantos gigabytes/ Se faz uma jangada/
Um barco que veleja/ Que veleje nesse
informar/ Que aproveite a vazante da in-
fomaré.*

(GIL, 1997)

Consideramos que esse (ciber)espaço móvel e articulado pelas redes da Internet é marcado pela velocidade de acesso a discursos que circulam pela sua topologia associativa, entre nós e links, que viabilizam outras formas e possibilidades de constituir sentidos que, para o sujeito-navegador, parecem ser infinitas, travestidas pela ilusão de tudo poder dizer, acessar e controlar, a qual foi flagrada por Pêcheux (1997), em suas considerações sobre os dois esquecimentos já abordadas na seção anterior.

Temos, então, como nos conta Chartier (2002, p. 113), “uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura”, que ocorrem simultaneamente. Assim sendo, nesse (ciber)espaço, a leitura/escrita são deslinearizadas e o sujeito percorre diferentes hipertextos, que se sobrepõem freneticamente, ansiando pelo próximo link, a próxima fala, (con)fundindo-se com outros sujeitos, nunca fixando seus olhos, tampouco uma identidade, pois “no ciberespaço, o sujeito é indeterminado, artigo indefinido, e se constitui na própria velocidade do acontecimento” (DIAS, 2008, p. 38).

Posto isto, é relevante destacar como concebemos o ciberespaço, essa “galáxia de conexões acentradas, topológicas” (PARENTE, 1999, p. 81) que, para nós, é um espaço discursivo heterogêneo (AUTHIER-REVUZ, 1990), que permite a emergência de uma multiplicidade de vozes e (des)caminhos que se revelam a cada instante para o sujeito que navega sem rumo pelos infomares, pois, conforme nos aponta Araújo (2005, p. 197), “apesar da hiper-rede seguir um sistema programado que, segun-

do Baudrillard, só simula criatividade, há inúmeras possibilidades de traçados descontínuos que podem levar a um mesmo ponto ou podem descortinar outras alternativas”.

Assim sendo, inferimos que, ainda que a maioria da população não tenha acesso às tecnologias de informação e comunicação, a Internet, para os que conseguem velejar nesse infomar, pode ser um espaço favorável à construção e circulação de sentidos mais plurais e aos atos de linguagem de sujeitos historicamente silenciados, outrora excluídos de espaços, como os midiáticos, em que sua voz não podia/pode ecoar. Atrevemo-nos a asseverar que, com o avanço da Internet, instala-se um furo nessa impossibilidade de dizer do sujeito, pois, segundo Parente (1999, p. 77), no meio digital, “cada um de nós pode ser o editor, o produtor, o difusor de suas próprias mensagens, em contraste com o sistema concentrador das mídias de massa”. Dentre as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, destacamos aquelas relacionadas ao uso da internet como uma espécie de tribuna, em que os sujeitos podem ser ouvidos/lidos, denunciando, no espaço digital, os problemas vivenciados pela comunidade em que se inserem, buscando, assim, visibilidade e apoio social, que não teriam lugar em outras mídias.

Conforme aponta Mittmann (2011, p. 120), no contexto da chamada sociedade em rede, na qual, retomando o teórico Manuel Castells, há um menor controle das instituições tradicionais, observa-se a emergência de discursos de resistência, a “apropriação da Internet por grupos sociais, pois a denúncia social e a contrainformação surgem como nós na própria articulação da rede. E se definem e fazem sentido por essa articulação” (MITTMANN, 2011, p. 120). Deste modo, concordamos com Cardoso (2007, p. 420), quando ele aponta o papel importante que a internet desempenha “na obtenção de apoio, na organização de protestos e manifestações”, como foi visto, recentemente, nas mobilizações durante a chamada “Primavera árabe”, além de uma série de outros movimentos sociais em que o ciberativismo teve destaque (UTSUNOMIYA & REIS, 2011).

A Internet é, assim, um espaço discursivo, no qual também estão presentes os embates, as relações desiguais de poder, que envolvem os sentidos dominantes, naturalizados pela ideologia e estabilizados pela memória, e aqueles que podem rompê-los, trazendo o novo, aquilo que outrora foi silenciado. Isso significa dizer que “não há dominação sem

resistência” (PÊCHEUX, 1997, p. 304), sendo o discurso marcado por essa possibilidade da ruptura, da contradição, da emergência de outros sentidos, o que nos leva a considerar a memória discursiva como sendo um espaço passível de “desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Ressaltamos que o espaço discursivo do *blog* também é marcado pela possibilidade de tais deslizamentos, fazendo ressoar uma heterogeneidade de vozes e sentidos, abarcando diferentes formações discursivas que se entrelaçam em suas tramas. Sendo visto como uma “ferramenta de articulação social” (SPYER, 2007, p. 53), o *blog* ultrapassa a noção de diário íntimo e pode configurar-se como um espaço alternativo, em que é permitida a circulação de sujeitos e sentidos que, segundo Mittmann (2011, p. 119), “fogem ao controle estatal e econômico de grupos que tradicionalmente centralizam a informação”. Nesse enquadre, temos nos *blogs* um espaço discursivo muito poderoso para a emergência de movimentos de resistência que fazem circular sentidos tidos como marginais e considerados indesejáveis pelas corporações midiáticas e instituições de leitura; mais ainda, os *blogs* podem vir a ser espaços de contestação e ruptura dos sentidos institucionalizados, fazendo furar o hegemônico e estabilizado. Interessa-nos, particularmente, nesse trabalho, os *blogs* de bibliotecas movimentadas por sujeitos que, inseridos em comunidades carentes de espaços dedicados ao ato de ler, se valeram da Internet para fazerem ecoar suas vozes, bradando em uníssono, no caso da postagem aqui analisada, um pedido de ajuda, sentidos de indignação contra a desvalorização e interdição da leitura e dos espaços em que ela é praticada, à medida que enunciavam sobre a sua importância. A seguir, poderemos observar como tais sentidos foram constituídos nas tramas do *blog*.

A LEITURA DISCURSIVISADA NO *BLOG*: A (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO DISCURSO ELETRÔNICO

Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotosensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico.

(MANGUEL, 1997, p. 54)

Ao perscrutarmos a (re)produção de alguns discursos sobre a leitura, materializados na Internet, podemos ampliar a nossa compreensão sobre como se dão os movimentos de sujeitos e sentidos por entre os arquivos digitais, afastando-nos, para tanto, de uma perspectiva exclusivamente técnica, que embasa, na maioria das vezes, as formulações sobre o tema. Assim, valendo-nos de alguns conceitos (re)elaborados pelo filósofo Michel Pêcheux que, segundo Zandwais (2009, p. 23), delineou as bases de uma “disciplina antipositivista e antiformalista de linguagem”, analisaremos os recortes¹ de uma postagem do *blog* da Rede de Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana do Recife, publicada no dia 6 de agosto de 2011.²

Antes de apresentarmos as análises, é preciso apontar que o nosso corpus foi constituído a partir do intuito de investigar como a leitura é discursivizada em espaços ditos não oficiais, alternativos, no que se refere ao acesso aos livros e outros materiais de leitura; dentre tais espaços – que se contrapõem, por exemplo, a outros como as bibliotecas públicas e universitárias –, interessamo-nos pelas bibliotecas comunitárias, que são organizadas por um determinado grupo ou comunidade, devido à falta ou insuficiência de outras instituições dedicadas à leitura. Tendo em vista a constituição do corpus, foram realizadas, durante todo o mês de novembro de 2011, as buscas³ por *blogs* de bibliotecas comunitárias que apresentassem postagens atualizadas, tendo sido selecionadas aquelas publicadas no período que compreendeu a coleta de dados, nas quais circulassem sentidos sobre a leitura. Dentre estas, chamou-nos a atenção as sequências discursivas que trazem sentidos de resistência e luta em prol da leitura, os quais, ao serem atravessados pela memória, pelo político e o ideológico, apontam, no ciberespaço, para outras possibilidades de “entrar nessa grande rede de significantes, fazendo circular vozes outras que não as parafraseadas pelo discurso da ideologia dominante” (MITTMANN, 2011, p. 120).

Posto isto, apontamos que a indagação presente no título da postagem analisada – “Mais uma igreja?” – evoca sentidos de indignação, estabelecendo uma relação de sinonímia pela qual mais igrejas significariam menos bibliotecas; em outras palavras, tais espaços dedicados à leitura estão sendo substituídos por templos. Assim, observamos como a marca linguística “*mais*” remete aos sentidos de excesso, que, na pluralidade dos jogos de linguagem, inscrevem uma falta, qual seja,

de “mais essa bela biblioteca comunitária”, indiciando que tal ausência é rotineira e reveladora do descaso conferido amiúde à leitura e às bibliotecas. A exterioridade constitutiva desses dizeres é marcada por relações desiguais de (des)poder e acesso à leitura, fazendo retornar, pela memória discursiva, os sentidos de exclusão e interdição que historicamente lhe foram atribuídos, negando-se, assim, o acesso a um saber valorizado pela formação discursiva em que se inscrevem os dizeres do *blog*, qual seja, aquele referente aos “livros”, à “cultura”, à “literatura universal” e à “leitura literária”, ferindo, nessa trama de impossíveis, os princípios da almejada sociedade democrática (“querem acabar com os sonhos de um espaço democrático”). Temos, assim, em relação à biblioteca e às atividades nela desempenhadas, a circulação dos sentidos socialmente valorizados de democracia, justiça, união, liberdade e acessibilidade, que conferem a esse espaço relevância, tomando-o como um símbolo de esperança de crescimento e de um futuro melhor para toda uma comunidade, como podemos observar nos seguintes recortes:

Um local onde **crianças, jovens e toda a comunidade podem ter acesso** aos livros e à leitura literária, **ampliando os horizontes** dos frequentadores de um **espaço tão importante** para o **futuro da comunidade**, que trouxe uma **perspectiva diferente, mais criativa e justa de futuro**, um recanto de belas histórias, de **realização de sonhos, de inventividade libertária**, fortalecendo almas através do **acesso** à cultura e à literatura universal.

[...] belas histórias escritas com os moradores para uma **comunidade melhor para todos**, principalmente para as crianças e os jovens.

Sendo assim, inferimos que o discurso sobre essas práticas e espaços de leitura manifesta-se, no corpus analisado, através de uma relação maniqueísta, pela qual esses sentidos de valorização da leitura e das bibliotecas – que mais parecem um ícone do paraíso, onde sonhos poderiam se realizar, evocando sentidos para a leitura bem diferentes daqueles que circulam geralmente nas escolas e outros espaços em que prevalecem os discursos autoritários (ORLANDI, 2003a) – contrapõem-se a um campo semântico em que circulam sentidos pejorativos que evocam a ambição, coerção e exploração que sustentariam a aniquilação dessas fecundas práticas de leitura, desse “recanto de belas histórias”,

que foi construído a despeito das várias dificuldades enfrentadas ao longo do tempo e flagradas na repetição do termo “anos de luta”. Vejamos alguns recortes em que tais sentidos aparecem:

Algumas pessoas não suportam ver pessoas realizando sonhos, construindo futuro melhor, felizes e vitoriosos, a **ganância** quer sempre **gritar mais algo**, ocupar todos os espaços e **esmagar** jardins floridos, **mostrando as suas garras**.

Interesses **egoístas** querem transformar mais essa bela Biblioteca Comunitária em uma igreja evangélica; um dos diretores do espaço está **pressionado e coagindo** o coordenador da biblioteca a sair do local para que ele possa **tirar proveito**.

Observamos que é na rejeição a esses sentidos que se constituem os de convocação à ação, de denúncia dessa situação desfavorável à leitura, conclamando os sujeitos-leitores do *blog* a um novo movimento de luta, agora em prol da permanência e não mais da criação do espaço de leitura, o que pode ser observado na repetição de verbos no imperativo: “escrevam em seus blogs”, “avisem seus amigos”, “mandem email para os jornais”, “mobilizem suas redes sociais”, “sejam firmes e fortes”, “entrem lá e se juntem nessa corrente”, que reforçam os sentidos de elo e enredamento de sentidos e sujeitos na Internet, do poder atribuído aos blogs e a outros meios de comunicação. Assim sendo, os blogs são discursivizados, aqui, como privilegiados espaços de denúncia e militância, dotados da ilusória capacidade de alcançar e convocar “todos” a ajudarem e fazerem parte dessa comunidade, dessa rede de bibliotecas, leituras e sujeitos, tão importante e, ao mesmo tempo, tão menosprezada, frágil, ameaçada.

Como um espaço marcado pela heterogeneidade – que se configura como um novelo de vozes imbricadas, que faz ecoar sentidos alinhados ou não à formação discursiva que sustenta a produção de cada discurso, cada postagem –, o *blog* é caracterizado pela possibilidade dos sujeitos-leitores adentrarem esse espaço de constituição de sentidos, assumindo a posição de coautores de um discurso outro que jamais se estabiliza. Isso indicia a existência de outras formas de produção e circulação de sentidos, como aponta Orlandi (2010, p. 8):

O modo de circulação dos sentidos no discurso eletrônico nos faz pensar que, pela sua especificidade, produz consequências sobre a função-autor e o efeito-leitor que ele produz. E estas consequências estão diretamente ligadas à natureza da memória a que estes sentidos se filiam. E, certamente, à materialidade significante de seus meios.

Desta forma, na materialidade da rede, vemos serem disponibilizadas uma série de dispositivos tecnológicos que garantem ao sujeito a possibilidade de ele assumir, nesse (ciber)espaço discursivo, um outro lugar, o de escreitor (OLIVEIRA, 2006). Dentre tais ferramentas, citamos a que permite o acréscimo de comentários nos *blogs* que, no caso da postagem analisada, foram três, sendo um deles do próprio sujeito-*blogger*. Neles, observamos sentidos de conformidade, que vão ao encontro daqueles enunciados pelo sujeito-autor do *blog*, engrossando o coro dos que se indignam ou mesmo se entristecem (“muito triste saber [...]”) com o descaso pela leitura e a manutenção dos espaços em que ela se realiza, esperando por justiça.

Cria-se, assim, uma rede de sujeitos e discursos imbricados que vai além daquela formada pelas bibliotecas comunitárias do Recife, já que outros indivíduos, que ocupam diferentes espaços físicos, podem, enquanto sujeitos constituídos ideologicamente, se encontrar e enunciar nesse (ciber)espaço do *blog*, assumindo, para tanto, diferentes posições-sujeito. Temos, assim, com as mudanças na percepção de tempo e espaço (PARENTE, 1999; DIAS, 2004; VIRILIO, 1999), a ilusão de uma comunidade internacional que se configura, segundo Orlandi (2011b, p. 6), “na utilização do poder da mídia e da comunicação, filiando-se a redes planetárias graças à utilização da internet, e [impondo] a visão nova de um mundo interdependente”, supostamente sem fronteiras e do qual todos poderiam participar.

Assim, em um contexto sócio-histórico marcado pela primazia da coletividade (ORLANDI, 2011b), flagramos novas formas de criação de comunidade de leitores, de produção e circulação de sentidos sobre a leitura, e de mobilização e apoio social contra o que é considerado, aqui, um crime (“furtar o direito à informação, furtar os sonhos das crianças desta comunidade”) que deve ser combatido, como indicia mais uma vez a repetição do significante “luta” (boa sorte nessa luta

para manter esse espaço”). Tais dizeres significam um desejo de práticas de leitura mais polissêmicas, que impliquem movimento, “a troca de conhecimento”, livre das amarras tantas vezes impostas nos/pelos “universos discursivos logicamente estabilizados” (PÊCHEUX, 2011a, p. 292), almejando-se, assim, uma leitura que “liberta”, em um espaço aberto aos sujeitos-leitores.

Por fim, consideramos que, nos recortes analisados, a leitura é discursivizada através de sentidos múltiplos, contraditórios de importância/descaso, acesso/interdição, presença/falta, que evocam a pluralidade dos atos de linguagem, a instabilidade do discurso que ganha, nas redes da Internet, novas possibilidades de significação, novas cores e vozes, na bricolagem de sentidos justapostos, que atravessam a tela, marcados pela incompletude que os constitui.

THREADS OF SENSE ON THE READING: TANGLED DISCOURSES IN A *BLOG*

ABSTRACT

From the French discourse analysis and, specially, the concepts proposed by Michel Pêcheux, we analyzed some clippings arranged in the weblog of a community library, that bring to us some senses on the reading and allow us to investigate how they are built in alternative social spaces and in cyberspace. This writing is part of a bigger project of researches linked to El-@dis - Discursive Laboratory, subject, web and senses in movement, whose objective is to analyze discursively the movements of subjects-navigators and the production of senses in the web, characterized for other conditions of production, that is to say, other configurations of time and space and an associative order to speak. Our objective is to think on the concept of discursive subject (affected by the forgetfulness and the ideology from a position), the web, the (hyper)reading and the production of senses, given by the social-historical circumstances of contemporaneity that support the discourses associated to some regions of the discursive memory to mean. This movement updates, dislocates or returns the discourses about the reading already in circulation by other subjects, during the story and that, in the web, they enroll fractures and repetitions.

KEY WORDS: discourse, reading, internet, *blog*.

NOTAS

- 1 Mantivemos nos recortes a grafia original.
- 2 Disponível em: <<http://rededebibliotecascomunitarias.wordpress.com/2011/08/06/mais-uma-igreja/>>. Acesso em: 30 ago. 2011.
- 3 Através da ferramenta Pesquisa Google de Blogs. Disponível em: <www.google.com.br/blogsearch>.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A palavra mágica: poesia*. Seleção de Luzia de Maria. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ARAÚJO, Denize Correa. Hipertrópole digital: a cibermídia como cidade rizomática. In: COMPÓS, 14, 2005, Niterói. *Anais...* Niterói: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2005. p. 191-205.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19, 1990.
- CARDOSO, Gustavo. *A mídia na sociedade em rede: filtros, vitrines, notícias*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- DIAS, Cristiane. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo HIV*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DIAS, Cristiane. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à rede de sentidos. In: GUIMARÃES, Eduardo; PAULA, Mirian Rose Brum de. *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005. p. 41-56.
- DIAS, Cristiane. *Da corpografia: ensaios sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Santa Maria: UFSM, 2008.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- GIL, Gilberto. Pela Internet. In: _____. *Quanta*. [S.l]: Warner Music, 1997. 2 CD. Faixa 11.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MITTMANN, Solange. Alguns apontamentos sobre militância digital. In: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de; SCHONS, Carme Regina (Org.). *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária, UFPE, 2011. p. 119-139.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso de. Práticas de discurso e de leitura em *blogs* jornalísticos. *Coleção Mestrado em Linguística*, v. 1, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/viewFile/387/314>>.

ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003a.

ORLANDI, Eni P. *A leitura e os leitores*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003b.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 10-31.

ORLANDI, Eni P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011a.

ORLANDI, Eni P. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (Org.). *E-urbano: sentidos do espaço urbano/digital*. 2011b. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano1.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2011.

PARENTE, André. O hipertextual. *Famecos*, Porto Alegre, n. 10, jun. 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et. al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011a. p. 283-294.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2011b. p. 275-282.

SPYER, Juliano. *Conectado*: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

UTSUNOMIYA, Fred I.; REIS, Mariza de Fátima. Reflexões sobre o alcance do agir comunicativo da sociedade civil em redes sociais: o ciberativismo em questão. In: Simpósio de Pesquisa em Tecnologias Digitais e Sociabilidade, 1, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2011.

VIRILIO, Paul. O resto do tempo. *Famecos*, n. 10, jun. 1999.

ZANDWAIS, Ana. *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França*: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, 2009.